



Estigma e Inclusão Social: uma Experiência de Educação Não Formal através da Fotografia¹

Anamaria Teles²

Rita de Cássia Marchi³

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre uma experiência de extensão universitária interdisciplinar em comunidades periféricas de Blumenau/SC. O Projeto de Extensão Verter - Inclusão Social através da Fotografia desenvolveu oficinas de fotografia e de produção de um jornal comunitário com adolescentes da Coripós, comunidade periférica de Blumenau, proporcionando-lhes educação visual, lazer, socialização e reflexão sobre suas vidas em sociedade. Expressando-se através da fotografia, os jovens passam a compreender e também a criar expressões e códigos visuais que percorrem as nossas sociedades contemporâneas. Mas ao contrário do que verificamos em outra edição do projeto, na Coripós os adolescentes valorizam a comunidade, verbalmente e imageticamente, ignorando ou manipulando a seu favor a imagem negativa transmitida na maioria das vezes pela mídia local.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Estigma; Inclusão Social; Adolescentes.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma experiência de extensão universitária interdisciplinar em comunidades periféricas, de modo geral estigmatizadas pela mídia, e reflete sobre as possibilidades de inclusão social através de ações não formais de educação para os meios de comunicação. O Projeto de Extensão que subsidia as reflexões aqui apresentadas - “Verter: Inclusão Social através da Fotografia”⁴ - foi realizado durante os

¹ Trabalho apresentado a DT 04 – Comunicação Audiovisual, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Coordenadora do Projeto de Extensão Verter: Inclusão Social através da Fotografia. Mestre em Antropologia Social (UFSC), com graduação em Comunicação Social – Jornalismo (UFRGS). Membro do Núcleo de Antropologia Visual (NAVI) da UFSC. Email: anamariateles@furb.br

³ Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Doutora em Sociologia Política (UFSC/PARISV) e Mestre em Antropologia Social (UFSC). Líder do Núcleo de Estudos Interdisciplinar sobre Crianças e Adolescentes (NEICA) cadastrado junto ao CNPQ.

⁴ O projeto Verter integra o Programa de Extensão “Assessoria e Capacitação às Organizações Comunitárias”, coordenado pela professora Jacqueline Samagaia, do Curso de Serviço Social da FURB. Atualmente participam do programa professoras e alunas dos cursos de Comunicação Social, Ciências Sociais, Direito, Serviço Social e Psicologia.



anos de 2008 e 2009 com adolescentes da Coripós, uma comunidade de baixa renda da cidade de Blumenau/SC.

O nome dado ao projeto de extensão, “Verter”, deve-se ao significado do vocábulo – “fluir”, “brotar” – e ao jogo de palavras que é possível ao dividi-la em duas - “ver” (perceber, olhar) e “ter” (acesso aos meios de comunicação).

O projeto Verter, que está atualmente em sua quarta edição, é resultado da política de extensão da Universidade Regional de Blumenau, e recebeu apoio em 2008 do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FIA).

Este projeto teve início em 2006, quando atuou na comunidade da Rua Pedro Kraus. Em 2007 trabalhamos na comunidade Toca da Onça e em 2008 na Comunidade da Rua Coripós. Em 2009 finalizamos as atividades na Coripós, interrompidas no final de 2008 devido à enchente que atingiu a cidade, e atuamos também nas imediações do Morro do Arthur, abrangendo aí diferentes comunidades.

A situação social e habitacional da Coripós foi fortemente agravada com o desastre sócio-ambiental que ocorreu na cidade de Blumenau e em outros municípios da região do Vale do Itajaí no mês de novembro de 2008. Com várias moradias em situação de ocupação irregular e situadas em área de risco, a comunidade foi uma das que sofreu com mais intensidade os efeitos das chuvas, muito antes de outras partes da cidade terem sido afetadas. Isto fez com que muitos dos participantes do Projeto tivessem que sair de suas casas e, juntamente com suas famílias, passassem a morar em abrigos improvisados pela Prefeitura.

As diferentes localidades de Blumenau em que o projeto Verter atuou tem em comum o fato de estarem situadas em regiões periféricas da cidade, deixando seus jovens moradores na maioria das vezes sem acesso a atividades de lazer e cultura, além de serem comumente estigmatizadas como áreas violentas e perigosas. Assim, estas comunidades foram escolhidas para a realização deste trabalho, uma vez que seu objetivo é, através de oficinas de fotografia, contribuir para a inclusão social de adolescentes de comunidades de baixa renda de Blumenau.

INCLUSÃO SOCIAL E ESTIGMA

Entendemos inclusão social como “formas de promover a autonomia de indivíduos que se encontram, temporariamente ou não, e, sob algum aspecto específico, em desvantagem a outros grupos sociais” (MONTARDO, 2008, p. 75).



Assim, a partir das fotografias produzidas nas oficinas pelos adolescentes, buscamos discutir questões relativas à realidade das comunidades onde os adolescentes vivem, de modo a refletir sobre seus problemas e buscar possíveis formas de enfrentamento dessas situações. Nesta edição do projeto aqui relatada, além das fotografias, foram desenvolvidas duas edições de um jornal comunitário, com textos e fotografias produzidos pelos adolescentes sobre temas sugeridos por eles.

Em relação ao perfil sócio-econômico, os moradores da comunidade Coripós, em sua grande maioria, vivem em situações precárias de emprego e moradia, podendo ser situados nas camadas sociais de baixa renda. Quanto à infra-estrutura da comunidade, se por um lado pode ser percebida a presença do Estado na existência de determinados equipamentos, instituições e serviços como creche, posto de saúde e escola e, recentemente, asfalto na rua principal⁵; por outro lado, há espaços “proibidos” onde, segundo relatos dos moradores, nem mesmo a polícia entra devido ao alto grau de violência que envolve o crescente comércio de drogas na região.

A precariedade da situação habitacional também é visível na comunidade, caracterizando-se, em grande parte, por áreas de ocupação ilegal e, devido à geografia do local, há também ocupação de áreas de risco que não recebem qualquer tipo de atenção ou investimento do poder público. Além disto, áreas de lazer quase inexistem e, portanto, as oportunidades de convivência para os jovens são bastante reduzidas.

Com um número expressivo de adolescentes na comunidade, um problema apontado pela Associação de Moradores, e pelos próprios adolescentes participantes do Projeto, é a falta de espaços para lazer e esportes, que se restringe a uma quadra de futebol na escola.

Devemos observar que trabalhos semelhantes utilizando fotografia ou outras ferramentas de comunicação em comunidades periféricas de baixa renda tem sido freqüentes no cenário nacional a partir do início do ano 2000, como observa Peruzzo (2008, p. 5):

Ultimamente, mais precisamente no início deste século observa-se uma retomada crescente de iniciativas de comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasi, e agora incorporando inovadores formatos e canais de difusão possibilitados pelas novas tecnologias de informações e comunicação (NTIC). São experiências ligadas a movimentos sociais, associações comunitárias e de vários outros tipos de organizações não-governamentais, segmentos comunitários autônomos (infanto-juvenil, estudantil etc.), projetos de

⁵ Rua Coripós, que empresta o nome à comunidade localizada no bairro Escola Agrícola.



extensão (e de outros tipos) de universidades, iniciativas de rádio-escola que muitas vezes extrapolam o espaço escolar e estabelecem elos com a “comunidade” local e assim por diante. São pequenos jornais, fanzines, alto-falantes, jornal mural, *webrádio*, bicicleta de som, carro de som, grupos de teatro, vídeos, rádios comunitárias, canais comunitários de televisão, *blogs*, *fotologs*, *sites* etc., que servem de pretexto para a realização de atividades de educação informal ou não-formal.

No projeto Verter, além de desenvolver formas de comunicação popular e comunitária, buscou-se estimular a conscientização e a mobilização dos adolescentes sobre a realidade da comunidade e da cidade em que estão inseridos.

Outro objetivo do projeto foi fortalecer a auto-estima dos adolescentes, muitas vezes estigmatizados por viverem em uma comunidade periférica que só aparece na mídia, de modo geral, em matérias negativas que tratam dos casos de violência, tráfico de drogas e desastres como o de novembro de 2008.

Em uma sociedade em que se valoriza a cultura da colonização alemã – nas festas tradicionais, nos discursos oficiais, nos materiais de divulgação do turismo do município, nos projetos de urbanização em especial do centro da cidade - a periferia, assim como seus habitantes de diferentes origens e diferentes etnias, costuma não ter visibilidade (a não ser de forma negativa e estigmatizada) na sociedade abrangente.

De modo geral, a própria mídia reconhece que não costuma dar voz ao que acontece de positivo na periferia das cidades:

O mea culpa da imprensa pela cobertura estigmatizante que realiza sobre favelas e periferias é um dos poucos consensos encontrados na pesquisa do CEsC [Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro]. A maioria dos profissionais ouvidos reconhece que os seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções etc (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 77).

A mídia prioriza os assuntos de interesse de seus consumidores e, em caso de jornais e revistas, como a grande maioria dos leitores fazem parte das camadas médias e altas da sociedade, não há espaço para notícias positivas que ocorrem nas periferias, consideradas de pouco interesse pelos jornalistas para o público leitor.



Outros fatores que justificam a falta de espaço na mídia para matérias em localidades periféricas são a falta de fontes (ou o pouco contato dos jornalistas, em geral das camadas médias da população, com moradores das periferias), assim como a falta de interesse dos veículos de comunicação neste tipo de notícia, não incentivando assim, coberturas mais abrangentes e menos estereotipadas das chamadas *comunidades* (RAMOS; PAIVA, 2007).

Nas reflexões que orientam este artigo, assim como nas que antecederam e orientaram a execução deste trabalho, utilizamos as noções de estigma e de identidade deteriorada de Erving Goffman (1998). Este autor desenvolve estas noções para se referir a três tipos de estigma nitidamente diferentes, sendo que aqui nos referimos ao chamado estigma social que diz respeito à identidade social atribuída pela sociedade mais ampla (e socialmente “incluída”) aos habitantes pobres das regiões de “má-fama” ou com condições de urbanização precárias ou inexistentes.

Goffman se refere mais especificamente aos “estigmas tribais, de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”, mas considera também, neste sentido, que o “status de classe baixa” pode funcionar como um “importante estigma” (1988, p.14).

Já Robert Park observa que as cidades possuem, além de uma organização física, também uma “organização moral”. Isto significa que determinadas ruas, regiões ou bairros do meio urbano, através do tempo, assumem “algo do caráter e das qualidades de seus habitantes” (PARK, 1979, p.30). A região da Rua Coripós faz parte, assim, de uma “região moral”, de “má-fama”, caracterizada muitas vezes como “zona perigosa” ou “violenta”.

A imprensa ajuda a construir esta noção de região violenta, uma vez que, como vimos, dificilmente mostra aspectos positivos da comunidade, e, quando aborda aspectos negativos, costuma dar pouco ou nenhum espaço para a comunidade se manifestar (JORNAL DE SANTA CATARINA, 2006, p. 21).

Nas duas edições do jornal comunitário produzido pelos adolescentes ao longo do projeto buscamos justamente noticiar aspectos positivos do cotidiano da comunidade – como a campanha de vacinação infantil, que mobilizou a comunidade com várias atividades, os objetos construídos com materiais recicláveis na escola etc. Problemas apontados pelos adolescentes, como o lixo nas ruas e a falta de saneamento em algumas áreas, também foram abordados no jornal, mas, ao contrário da mídia, buscamos



equilibrar os problemas com aspectos que valorizassem seus moradores e a comunidade em que vivem.



Campanha de vacinação na Coripós. Foto: Jacqueline Silva.

METODOLOGIA

O projeto Verter na comunidade Coripós foi iniciado a partir do levantamento de informações sobre o local e de contatos feitos com as lideranças comunitárias, notadamente representantes da Associação de Moradores, professoras da Escola Norma Hubert e a equipe do Posto de Saúde da Família. Nestes contatos iniciais a proposta foi apresentada à comunidade, e ficou estabelecido que a escola local cederia espaço para os encontros semanais (as oficinas de fotografia) a serem realizados. A escola auxiliou ainda no contato inicial junto aos adolescentes.

Com um grupo de cerca de 20 adolescentes formado, procuramos desenvolver o que Dondis chama de “alfabetização visual” (1999) do grupo através de exposições teóricas e de exercícios práticos sobre o funcionamento de uma câmera fotográfica, sobre o aproveitamento e utilização da luz na fotografia, regras de enquadramento e composição, entre outros aspectos discutidos.

Os exercícios práticos foram realizados com câmeras compactas de filme e também digitais. Também foram utilizadas câmeras reflex digitais, adquiridas com os recursos repassados pelo FIA. Com apoio deste Fundo foi possível também realizar as já



citadas atividades na Universidade, pois o deslocamento dos estudantes implicou em custos. Assim, foram fornecidos passes de ônibus para que os adolescentes pudessem se deslocar até a universidade, além de oferecermos lanches nestas ocasiões.

Também foram realizadas visitas e atividades de ensino no laboratório fotográfico e na biblioteca da FURB. Estas visitas dos integrantes da oficina à Universidade serviram não somente como um momento de lazer e aprendizado, mas também como um momento de (re)conhecimento de espaços considerados centrais na sociedade local e regional e que, no entanto, podia se mostrar aberto à cidadãos da periferia social e geográfica da cidade. Isto é, nosso objetivo foi mostrar aos adolescentes que aquele espaço também lhes pertencia e devia ser por eles freqüentado (caso da biblioteca universitária, por exemplo).



Exercício com câmeras fotográficas na universidade. Foto: Anamaria Teles.

Ao longo das oficinas de fotografia, os adolescentes foram estimulados a produzir imagens da comunidade e seu cotidiano, das famílias, dos amigos, dos seus momentos de lazer, do seu ambiente doméstico e, particularmente daquilo que os adolescentes consideravam “pontos positivos” e “pontos negativos” da comunidade. A realização destas fotografias temáticas eram sempre antecedidas ou seguidas de uma discussão em grupo sobre o tema em questão (família, amigos, meio-ambiente, comunidade, etc.)



Após a realização das fotografias, algumas realizadas em passeios fotográficos pela comunidade, outras durante os finais de semana, quando os adolescentes levavam as câmeras para casa, os adolescentes selecionavam as melhores imagens e produziam legendas para as fotografias. A partir das legendas foi possível desenvolver os textos para as matérias do jornal comunitário.

Os jornais produzidos (cópia xerocada frente e verso de uma folha A3) foram posteriormente distribuídos na comunidade pelos adolescentes, além de fixados nos murais da escola e do posto de saúde.

Também realizamos uma excursão fotográfica por pontos turísticos da cidade. Os próprios adolescentes escolheram os locais que desejavam visitar. Este passeio, bastante esperado pelos integrantes da oficina, rendeu belas imagens, se mostrando extremamente produtivo por permitir aos adolescentes exercitar questões técnicas e estéticas da linguagem fotográfica em um ambiente diferente daqueles a que estão acostumados.



Parque Ramiro Rüdiger. Foto Ismael Silva.

Na etapa final desta edição do projeto foram organizadas duas exposições com as fotografias e os jornais produzidos ao longo das oficinas, visando desenvolver tanto a auto-estima dos adolescentes quanto à busca de seu reconhecimento na comunidade e na sociedade local mais ampla.⁶ As fotografias expostas foram selecionadas pelos adolescentes. As exposições foram também divulgadas junto à imprensa local e

⁶ As exposições foram realizadas em espaço nobre da Universidade destinado à exposições artísticas – o Salão Angelim da Biblioteca central da FURB e na Escola Norma Hubert, localizada na comunidade da Coripós.



universitária, atingindo o objetivo de colocar em evidência aspectos positivos da comunidade da Coripós e seus jovens moradores.

ANÁLISE DOS RESULTADOS E DO MATERIAL PRODUZIDO

Ao contrário do que verificamos em outra edição do projeto (TELES; SAMAGAIA, 2007), na Coripós os adolescentes valorizam a comunidade, verbalmente e imagetivamente, ignorando ou manipulando a seu favor a imagem negativa transmitida na maioria das vezes pela mídia local.

Este fenômeno é o que Goffman (1998) denomina de “deslocamento do estigma” ou “manipulação da identidade deteriorada”, onde o indivíduo ou os grupos socialmente estigmatizados deslocam para outros indivíduos ou grupos a discriminação ou estigma que sobre si se abate. A reação percebida junto aos adolescentes aqui tratados também se verificava como uma “fuga ao estigma” ou o seu não reconhecimento a partir do menosprezo e ridicularização dos grupos sociais de onde supostamente nascia a discriminação. Neste sentido, apesar de reconhecer os problemas de violência e de drogas e outros delitos na comunidade, o grupo de adolescentes exaltava o seu apego à comunidade e o orgulho de a ela pertencer. Mesmo os jovens que haviam mudado há pouco tempo para o local aderiam a esta exaltação junto a seus colegas moradores de mais longa data da comunidade.

Em relação às dificuldades encontradas na realização do Projeto, podemos citar uma certa “volatilidade” em relação ao número de participantes efetivamente comprometidos com o Projeto e com a assiduidade nas oficinas. Volatilidade que tinha entre seus diversos motivos as condições sociais e familiares objetivas: o adolescente participava quando “podia”, isto é, quando não tinha que cumprir outros compromissos agendados por seus pais ou responsáveis; quando não tinha outras atividades esporádicas de lazer; as relações de afeto/desafeto entre os pares e o caráter “não obrigatório” da participação nas oficinas já que não era cobrada a presença de forma mais sistemática. Isto fez a equipe pensar numa nova estratégia de divulgação do Projeto junto à comunidade no sentido de ser mobilizada para sua realização com o maior número possível de integrantes.

Além deste problema, um outro que também foi verificado nas edições anteriores do Projeto foi a dificuldade em efetivamente conseguir mobilizar os jovens nas discussões que envolviam uma reflexão crítica sobre os problemas correntes na sua



comunidade, tais como a questão da degradação ambiental, da violência e tráfico de drogas, entre outros.

A estratégia proposta para contornar ou resolver este problema envolveu a utilização, em algumas oficinas, de dinâmicas de grupo que visavam tratar dos problemas mencionados através de exercícios lúdicos e que generalizavam os temas, de forma a aparentemente torná-los mais “leves” e/ou “distantes” da realidade vivenciada pelos jovens. Percebeu-se que, quando tratavam destes problemas como podendo ocorrer em qualquer comunidade ou grupo de pessoas, os adolescentes sentiam-se mais à vontade para a discussão e para emitirem suas opiniões a respeito do assunto tratado.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, E.. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**.4ª. edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

JORNAL DE SANTA CATARINA. RBS: Blumenau, 26 e 27 de agosto de 2006, p. 21.

MONTARDO, S. P. Fotos que fazem falar: desafios metodológicos para análise de redes temáticas em fotologs. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008, n. 37.

PARK, R. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Gilberto. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro/Zahar, 1979.

PERUZZO, C. M. K. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008**. Intercom, 2008.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e violência: tendências na cobertura da criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

TELES, A.; SAMAGAIA, J. O Uso da Fotografia como Instrumento de Inclusão Social – uma Experiência com Adolescentes de uma Comunidade de Baixa Renda na Cidade de Blumenau/SC. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS. INTERCOM, 2007**.